



Euzivaldo Queiroz

**Ianomâmis**

**Salesianos  
podem reforçar  
assistência**

O fortalecimento do trabalho desenvolvido junto às populações indígenas do alto rio Negro deve ser o resultado da visita de 11 inspetores salesianos à região de São Gabriel da Cachoeira (AM). No meio da natureza amazônica, o drama dos índios ianomâmis se fez sentir com o relato da morte de três crianças acometidas de pneumonia, doença que vem se tornando comum entre as comunidades indígenas. (Página A3)

*Um dos chefes indígenas pintados para a ocasião, ao lado do representante da Funai*

ΦΑΙΛ 20 85

ALTO RIO NEGRO

# Missão salesiana quer ampliar volume de recursos

Ivânia Vieira

Os inspetores salesianos no Brasil conheceram, neste último final de semana, o trabalho que a missão desenvolve, junto às populações indígenas, do Alto Rio Negro. A visita, organizada pelo Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia, faz parte da estratégia montada pela entidade para ampliar o volume de recursos financeiro e humano naquela região.

Há 25 anos, a Missão Salesiana atuava no Alto Rio Negro com uma equipe de 56 missionários. Hoje, são 25 (dados da Inspeção). O processo de esvaziamento foi estimulado a partir das restrições impostas pelo governo brasileiro à presença de estrangeiros no País. Muitos missionários foram enviados para Angola, em guerra civil. A missão deve, a partir de agora, redirecionar seus esforços para fortalecer o trabalho que desenvolve no Brasil, notadamente na Amazônia.

Onze inspetores, incluindo os padres Antonio Martinelli e Carlos Teclera, superiores da Congregação Salesiana em Roma, participaram da visita. Antes, a equipe esteve reunida em Manaus, no encontro anual da Conferência das Inspeções Salesianas do Brasil (CISBRASIL). Sentimentos múltiplos foram experimentados-pelo grupo: entusiasmo com o trabalho feito na região; estupefação com a dificuldade de acesso, a distância, a imensidão de rios e floresta; tristeza e alegria no contato com os índios.

Responsável pela visita, o inspetor-geral da Missão Salesiana na Amazônia, padre Franco Dalla Valle, revelou ao final da viagem sinais de otimismo. "O que nós queríamos era a sensibilização dos demais inspetores para esse trabalho. Eles tiveram a chance de ver e sentir. A decisão, agora, é deles", observou. Os inspetores pareceram sensibilizados. Nas andanças pelas comunidades indíge-



Foto: Euzivaldo Queiroz

Integrantes da missão salesiana em contato com os indígenas da região

nas repetiam entre si frases como "é preciso ter vocação para se lançar num trabalho desta natureza". A visita consumiu oito horas e dez minutos de voo.

Na Amazônia, os salesianos atuam nos Estados do Amazonas - com as populações indígenas do Alto Rio Negro -, no Pará e Rondônia. São 23 obras. A missão se instalou no Rio Negro em 1914, no município de São Gabriel da Cachoeira, a 852 km de Manaus. Além do Rio Negro, os salesianos também atuam com os índios do Mato Grosso.

O que fazem - Amada por uns, rejeitada por outros, a Missão Salesiana tem presença histórica no Alto Rio Negro. Foi acusada de descaracterizar os índios, fazendo-os adotar outros valores. Hoje, enquanto teses e ensaios científicos sobre a presença missionária na região são elaborados, os salesianos representam, numa outra ponta, a garantia de educação e saúde para as nove etnias com as quais atuam. A evangelização sustenta seus caminhos.

A experiência mostra, no pre-

senso, uma maioria de índios alfabetizados. Alguns com o segundo e o terceiro graus. Em Iauaretê, o colégio salesiano atende 900 alunos. Na zona rural, a missão mantém 49 escolas. A educação é bilingue. O hospital São Miguel, com 35 leitos, é o abrigo certo para os índios portadores das mais diferentes doenças. Pelo menos 50, índios, estão atuando como agentes comunitários de saúde.

Participaram da visita os padres Helvício Baruffi e José Valmor Teclera (Porto Alegre); João Bosco Maciel (Mato Grosso); Alfredo Carrara de Melo e Tarcísio Scaramussa (Belo Horizonte); Antônio Altieri e Antônio Olivar Júnior (São Paulo); Raimundo Ricardo Sobrinho (Recife); Antônio Martinelli e Carlos Teclera (Roma).

As nações indígenas com as quais os salesianos trabalham são: Tukana, Dessana.

Pirá-Tapuia, Arapaço, Uanana, Cubeua, Tuiuca e Maku.

A missão visitou as áreas de Maturacá, Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira.

## Pneumonia e tuberculose atacam tribos

Três crianças lanomamis, com menos de 1 ano de idade, morreram no período de 19 a 21 deste mês, na comunidade Ariabu, em Maturacá, no Alto Rio Negro (AM). O "dia do Índio" e o "descobrimento do Brasil" teve, para essas famílias, gosto de tragédia, mais uma vez.

Os bebês, de acordo com os relatos de membros da comunidade, foram acometidos de pneumonia. Uma doença que vem se tornando comum entre os índios, no período de inverno. No dia 22 último, enquanto uma missão salesiana visitava a área, para conhecer o trabalho que missionários dessa congregação realizam na região, era possível ouvir o lamento de uma das famílias que acabara de perder uma criança. Reunidos dentro da casa, eles pareciam so-

frer, esquecidos e isolados, enquanto seus vizinhos faziam festa com os visitantes. Não permitiram fotografias do velório. A habitação, feita de taipa (barro) é escura, porta estreita e com apenas duas janelas.

O padre Benjamin Morando, responsável pelo trabalho da missão em Maturacá, afirma que a expectativa de vida dos lanomamis que vivem nessa área é até os 50 anos. Ele disse que falta vontade política para se garantir aos índios melhores condições de vida. A base de apoio da missão também é precária, mas é dela que parte a principal certeza de ajuda educacional e de saúde aos, aproximadamente, um mil lanomamis que vivem em Maturacá.

Endemia - A tuberculose viveu uma epidemia na região do Al-

to Rio Negro, habitada em sua maioria absoluta por índios. Em Iauaretê, o hospital São Miguel registrou, em 1994, 23 casos da doença, quatro em crianças com menos de 11 anos. Os dados são do livro de registro do hospital.

A médica polonesa Alina Sienkiewicz, freira salesiana que há nove anos atua na área confirma os números. Na lista das doenças que mais acometem os índios, a Irmã indica a infecção intestinal, verminoses, pneumonia e coqueluche, hanseníase (foram identificados nove casos, na comunidade Urubuquera, a horas de voadeira de Iauaretê), tracoma e leishmaniose. Nesse município, a mortalidade infantil é reduzida e a vacinação feita permanentemente. (IV)

### PERSONAGENS DA VIDA

Aparecido Moreira Alves, 49, batizado de "Grinão", trabalha há 30 anos com populações indígenas. É funcionário da Funai. Casado, com uma índia Tukana, pai de dois filhos, deixa a família em São Gabriel da Cachoeira enquanto cumpre sua tarefa em Maturacá, na fronteira com a Venezuela, onde vivem 1.000 índios lanomami. Costuma passar 90 dias longe da família.

Aparecido nasceu em Jacutinga, Minas Gerais. Sabe pouco sobre a sua cidade e muito das "histórias de índio". Algumas, ele ajudou a escrever. Trabalhou com os Xavantes, Carajás, Kerentes, Caiapós, Avá-Canoeiros, Marubos, Maiurunas, Canamari, Ticunas e os Kurubos - com estes integrou a equipe responsável pela atração desse povo. A operação resultou em fracasso e, em 1985, a área acabou interditada.



Irmã Maria Abadini, 23 anos no alto rio Negro

Como funcionário da Funai, "Grinão" é responsável pela assistência a 600 lanomami que vivem em Ariabu e 400, em Maturacá. Faz pouco e admite que enfrenta dificuldades para garantir o mínimo. Pele queimada, cabelos brancos, sem a metade dos dentes - é como peça do quadro de abandono em que vivem índios e caboclos.

Irmã Maria Abadini Confalonieri, 53, italiana, há 23 anos atua no Alto Rio Negro. Em suas mãos concentra-se o trabalho de inspeção

das obras que a missão Salesiana mantém na região. As viagens, por rios, igarapés, atacam na mata com somem de 20 a 25 dias. São 70 comunidades indígenas e cerca de cinco mil pessoas. A maior concentração está na sede, em Iauaretê, com dois mil indígenas, que falam nove línguas diferentes.

Irmã Maria é filha de um ex-deputado italiano, Vitorio Confalonieri, que morreu no ano passado, e uma dos sete filhos dessa família. Tem um irmão que é padre e atua no Vaticano, em Roma. Questionada sobre quanto tempo ainda permanecerá na região, a freira disse: "até quando Deus permitir".

Franzina, agil, Irmã Maria lamenta pela realidade dos povos indígenas da Amazônia. No Rio Negro, indica que eles precisam aprender muito para superar os desafios que representam os contatos com a "sociedade civilizada". A freira não gosta de fazer previsões sobre o futuro desses povos. Apenas se declara disposta a ajudar para que possam ter vida com mais dignidade.

Os repórteres Ivânia Vieira e Euzivaldo Queiroz viajaram ao alto rio Negro a convite da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia